

A. M.

ANTONIO D'AZEVEDO MAIA

NEM O ORGANICISMO NEM O VITALISMO

EXCLUSIVOS

SÃO VERDADEIROS

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

16/7 EMC

Para o dia 24 de Julho de 1874,
pelos 11 horas da manhã.

Presidente - O Ex. Sr.

Alfredo Ayres Pereira de Valle

O Ex. Sr.

D. José Fructuoso Ayres de Gouveia
Aorio.

seguintes } D. Agostinho Antonio do Couto.
D. Antonio d'Almeida Monteiro
Manoel de Jesus Antonioes Leão

N.º 351

NEM O ORGANICISMO NEM O VITALISMO

EXCLUSIVOS

SÃO VERDADEIROS

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA

Á

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

PARA SER DEFENDIDA

SOB A PRESIDENCIA

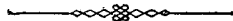
DO

ILL.^{mo} E EX.^{mo} SNR.

ILLYDIO AYRES PEREIRA DO VALLE

POR

ANTONIO D'AZEVEDO MAIA



PORTO:

TYPOGRAPHIA DE MANOEL JOSÉ PEREIRA,

Rua de Santa Thereza, n.º 4 e 6

1874.

L'organisme et le vitalisme se résoudre-
ront un jour dans une splendide unité qui absor-
bera la raison des deux systèmes.

AUBER. (*L'esprit du vitalisme et de l'or-
ganisme*, pag. 35).

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Conselheiro Manoel Maria da Costa Leite.

SECRETARIO

O Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Antonio Joaquim de Moraes Caldas.

CORPO CATHEDRATICO

LENTES PROPRIETARIOS

Os Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Snrs.:

1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva e geral.....	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira—Physiologia....	Dr. José Carlos Lopes Junior.
3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos, Materia medica.....	João Xavier d'Oliveira Barros.
4. ^a Cadeira—Pathologia externa e Therapeutica externa.	Illydio Ayres Pereira do Valle.
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria.....	Pedro Augusto Dias.
6. ^a Cadeira—Partos, molestias das mulheres de parto e dos recém-nascidos.....	Eduardo Pereira Pimenta.
7. ^a Cadeira—Pathologia interna, Therapeutica interna, Historia medica.....	José d'Andrade Gramaxo.
8. ^a Cadeira—Clinica medica..	Antonio d'Oliveira Monteiro.
9. ^a Cadeira—Clinica cirurgica	Agostinho Antonio do Souto.
10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica.....	José Joaquim da Silva Amado.
11. ^a Cadeira—Medicina legal, Hygiene privada e publica, Toxicologia geral.....	Dr. José F. Ayres de Gouvêa Osorio.
Curso de pathologia geral.....	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.

LENTES JUBILADOS

Secção medica.....	} Dr. José Pereira Reis. Dr. Francisco Velloso da Cruz. Dr. Antonio Ferreira de Macedo Pinto. Antonio Bernardino d'Almeida.
Secção cirurgica.....	

LENTES SUBSTITUTOS

Secção medica.....	} Manoel Rodrigues da Silva Pinto. Vaga.
Secção cirurgica.....	
	} Antonio Joaquim de Moraes Caldas. Vaga.

LENTES DEMONSTRADORES

Secção cirurgica.....	Manoel de Jesus Antunes Lemos.
-----------------------	--------------------------------

A escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola de 23 d'Abril de 1840, art. 155).

A MEUS PAES



Offereço-vos este trabalho. Destituído como é de merecimento, tem unicamente em vista evidenciar mais uma vez o acisolado amor que vos consagra

O vosso estremoso filho,

Antonio d'Alzavedo Maia.

Lambertella

AO CORPO DOCENTE

DA

Escola Medico-Cirurgica

DO PORTO



Se aqui não lavrasse o seu eterno reconhecimento e gratidão pelas vossas sapientissimas lições e prudentes conselhos, faltaria a um sagrado dever

O Auctor.

ADVERTENCIA PRELIMINAR

Julgar os systemas variâdos que mais ou menos despoticamente têm dominado a medicina; apreciar a solidez das doutrinas que disputam entre si a honra de fundar a verdadeira sciencia; sentenciar as diversas theorias, arvorando-se em juiz justo e consciencioso em um litigio que conta milhares de seculos d'existencia; apontar com dedo firme o norte que deve guiar o espirito humano no descobrimento da verdade; expôr com a maior lucidez possivel, qual o methodo a seguir na constituição da sciencia medica; levantar dignamente a voz no debate imponente das elevadas questões de principios, não o podem conseguir todas as intelligencias, não o pôde realizar a nossa.

São estudos os d'esta ordem que mais incumbem ao philosopho do que propriamente ao medico pratico; são trabalhos d'uma tal transcendencia e difficuldade que só podem fructificar, quando emprehendidos por homens que, além d'uma vasta erudição, disponham d'uma intelligencia e talento critico pouco vulgares.

Acabamos de lavrar a nossa sentença condemnatoria. Seria realmente nimia temeridade, loucura até, pretender fazer ouvir a nossa debil e humilde voz, onde resoam as de auctoridades competentissimas. Nem nós nutrimos tam enfatuadas pretensões; no entretanto, amparados de um lado pelos livros e do outro pelas sapientissimas lições de nossos professores, ousamos abalançar-nos a esta espinhossissima tarefa, certos de que ao equitativo e erudito jury, que tem de julgar-nos, não são estranhas nem as difficuldades inherentes ao seu desempenho nem as circumstancias summamente desfavoraveis em que ella é realisada.

INTRODUÇÃO

La vraie science est viable; les systèmes sont périssables; la science appartient au for intérieur de l'homme, le système au temps dont il est le produit.

Hufeland.

Se, elevando-nos um pouco na ordem das ideias, lançarmos uma vista retrospectiva por sobre o passado da sciencia medica, o que mais vivamente nos impressiona é a confusão das doutrinas, tanto antigas como modernas; é a multiplicidade dos systemas architectados sobre bases mais ou menos solidas, mais ou menos duradouras. E' contristador o espectáculo que nos offerece esse immenso acervo d'ideias e supposições contradictorias; compungenos, sobretudo, o vêr que nenhum d'esses ardentes e incansaveis obreiros logrou levantar um edificio, que arrotasse com a acção corrosiva e destruidora dos seculos, com quanto quasi todos tenham sido felizes na tarefa de demolir as obras dos seus predecessores; ao mesmo tempo porém consola-nos a certeza de que, atravez do incessante embate das ideias e do naufragio dos systemas, a fé scien-

tifica se conservou sempre vivida e inabalavel, e que todo esse immenso labor não ficou improductivo, porquanto ás successivas vicissitudes dos systemas sobreviveu a humanidade que, sobraçando os preciosos despojos do passado, caminha imperturbavel para a perfeição.

Não ha systema algum absolutamente falso, pois que o erro absoluto não pôde existir dentro da nossa esphera de realisação intellectual, relativa e contingente. De mais seria isso admittir uma monstruosidade, uma aberração, um capricho da ordem das cousas, excentricidades de tal natureza, que a sua admissão repugna ~~sempre~~ a todo aquelle que em tudo procura sempre a filiação, a lei e o enlace natural dos factos. Ainda os systemas mais erroneos encerram alguma verdade que é, por assim dizer, a seiva á custa da qual se nutrem, se conservam e se reproduzem, e dizemos se reproduzem por que bem se assemelham ás plantas vivazes que, uma vez decepadas, brotam de novo e com pertinacia, em quanto lhes forem conservadas as raizes.

Todos os systemas, tanto antigos como modernos, incorrem em um vicio commum, mas capital, que é o de serem exclusivos, isto é, incompletos. Effectivamente os systemas, considerando exclusivamente um dos muitos pontos de vista da sciencia, esquecem, mediante uma generalisação demasiado ampla, todos os outros que merecem, que tem direito a ser egualmente attendidos e estudados; bem semelhantes aos paes injustos que, dispensando todo o genero de caricias e affagos a um dos filhos, deixam em cruel abandono todos os outros.

Ao passo, porém, que os systemas são exclusivos, pretendendo immobilisar o que é essencialmente movimento e progresso, deixando-se fascinar pela risonha utopia de com-

prehender a verdade absoluta dentro do estreito ambito que cada um d'elles previamente traçou, a verdadeira sciencia é inclusiva; vive do espirito dos seculos; desenvolve-se com a humanidade; conta os systemas como outros tantos estadios, verdadeiros marcos milliaros que o espirito humano vai erigindo, caminho da sua evolução progressiva; não se curva perante nenhum systema limitado, porque o seu desenvolvimento é sempre illimitado em algum sentido; n'uma palavra: a verdadeira sciencia medica é essencialmente viva; perpetúa-se por um duplo movimento de composição e decomposição; assimilação da palavra, eliminação do erro.

Os systemas tem sido sempre ontologicos. Abstrahem uma parte da realidade e erigem-na em ser absoluto, idolo perante o qual se prostram com os olhos fechados, verdadeiro monstro que devora na ordem intellectual o que existe no seio da realidade. D'aqui tem resultado que, a par de relevantes serviços prestados pelos systemas medicos, tem elles arrastado a therapeutica a grandes desvarios e desmandos; e, se esta nem sempre reflectiu todos os erros d'aquelles, é porque a arte vive até certo ponto das proprias inspirações; de sorte que com o decorrer dos seculos, foram-se elles tornando objecto de grande prevenção da parte dos praticos prudentes, conscienciosos e verdadeiramente apreciadores das grandes inspirações artisticas, e é tambem certo que hoje o vocabulo systema é geralmente tomado á má parte, isto é, como synonymo d'erro.

E' isto um grande mal, porque conduz a detestar o systema, o complemento mais bello, o attributo mais sublime e mais inseparavel de toda a sciencia legitimamente constituida. Não ha medecina scientifica, racional, sem um systema determinado, porque o systema, na sua mais le-

gitima accepção, applica-se ao conjuncto d'uma certa ordem de conhecimentos, ao seu modo de subordinação, aos principios que se reconhecem, ao criterio por onde aquelles hão-de ser afferidos; refere-se, em summa, ao que muitos chamam philosophia medica, a que não poucos dão nomes differentes, e que alguns acceitam irreflectidamente sem o estudar nem profundar.

A necessidade do systema, assim entendido, é uma consequencia da nossa limitação intellectual que nos obriga a formar com os nossos conhecimentos, como que um quadro synoptico, cujas secções são baseadas sobre as analogias e differenças. Isto, que é verdadeiro em geral, tem especial applicação á medicina, attenta a immensa multiplicidade e variedade dos seus elementos constituintes.

A escolha do assumpto, cujo titulo se acha exarado no frontispicio d'esta dissertação, significa já, não obstante a nossa limitadissima experiencia, a perda d'algumas illusões theoricas. Debalde temos pedido ao organicismo e ao vitalismo exclusivos, com todas as suas cambiantes, a chave que nos permitta penetrar desassombradamente no sanctuario da sciencia, a doutrina que nos guie os passos vacillantes em uma pratica incipiente, os meios, finalmente, de harmonisar a sciencia com a arte, a theoria com a pratica, os principios com as applicações.

E' pois nosso intento demonstrar, que nenhum d'estes systemas fornece uma base solida para os nossos estudos medicos, que são concepções demasiado acanhadas e exclusivas para poderem satisfazer o espirito de quem aspira á sciencia baseada em principios de tal ordem, que lhe sirvam de guia e pharol em todos os casos particulares da sua pratica.

Para realizar este *desideratum*, dividiremos este traba-

lho em tres partes: na primeira tentaremos mostrar a largos traços a influencia que a philosophia tem constantemente exercido através dos tempos sobre a medicina, bem como forcejaremos por fazer bem sentir como da interpretação inciosa d'um facto experimental brotaram o organicismo e vitalismo, de que faremos uma exposição succinta segundo os seus mais legitimos interpretes; na segunda passaremos rapidamente em revista as applicações pathologicas e therapeuticas d'uma e outra doutrina exclusivas; na terceira finalmente, e como que em appendice, adduziremos algumas considerações tendentes a demonstrar que da fusão do organicismo e vitalismo, despidos das suas pretenções ontologicas, resulta um systema racional que nos traça o caminho mais proprio para investigar a verdade.

Dous principaes foram os moveis que nos impelliram a escolher uma tal these para assumpto d'esta dissertação:

- 1.º Uma predilecção particular por este genero d'estudos;
- 2.º A utilidade pratica que não podemos deixar de reconhecer-lhes; infelizmente, porém, as por ventura excessivas exigencias que as Escólas hoje fazem aos seus filhos, como outras tantas condições indispensaveis para lhes facultarem o appetecido *licet*, não nos consentiram dispensar tanta attenção como desejáramos ao desempenho d'esta tarefa, especialmente á ultima parte.

PRIMEIRA PARTE

I

A PHILOSOPHIA PERANTE A MEDICINA

Quod optimus medicus sit quo-
que philosophus.

Galeno.

É incontestavel que no attinente aos pormenores, á observação dos factos, aos meios d'exploração, á copia e segurança dos agentes therapeuticos, a medicina tem realizado vastos, immensos progressos; succederá, porém, o mesmo com relação á sciencia syntheticamente considerada? Será satisfactorio o estado actual da ideia mãe que preside ao desenvolvimento da sciencia medica e que caracteriza a época em que vivemos?

Uma curta reflexão permite duvidar: o estudo attento e consciencioso das doutrinas dominantes na actualidade autorisa uma resposta francamente negativa.

É por conseguinte muito natural a curiosidade que nos impelle a analysar as bases sobre que assenta actualmente o edificio medico, bem como a investigar se o plano da sua

construcção é o mais appropriado para poder encarar, tanto os preciosos materiaes que nos legou o passado, como as conquistas que fundadamente devemos esperar do futuro; pois é indispensavel que no conhecimento geral, na synthese medica, figurem todos os elementos que existem na realidade.

A este proposito, porém, acham-se muito divididas as opiniões dos medicos.

Ha quem procure investigar a verdade, submetter as questões que versam sobre a sciencia no seu conjuncto á luz fecundante do entendimento, indagar accuradamente qual das soluções consignadas na historia merece a preferencia, ou então determinar se é possivel accrescentar mais algum elo á cadeia lavrada através dos seculos pelo embate das ideias na interrompida cadeia, onde nascem e morrem, e vivem e se perpetuam. Estes são os agitadores, os progressistas, espiritos especulativos que se expõem resolutamente a perder-se no dedalo das mais altas lucubrações com o plausivel intento de procurar uma solução que é ainda um *desideratum*.

Outros porém, receiosos dos resultados, não trepidam em abandonar tão ingrata tarefa; acceitam resignados as inspirações da auctoridade; nutrem n'esta parte a sua intelligencia com um alimento de servidão, dôce porque apenas se sente, grato porque fomenta a inercia que tanto parecem prezar. Pretextando os repetidos desenganos que a historia tem archivado, julgam-se auctorizados para nivelar todas as opiniões philosophicas, para egualar sob uma mesma sentença e arrojarem em confuso montão o que exigiria muito tempo, paciencia e estudo para ser posto em ordem, formando, por assim dizer, um quadro em que cada cousa occupasse o lugar que de direito lhe pertence. Taes são os archi-conservadores, os immobilistas, os satisfeitos com a medicina consi-

derada d'um modo synthetico, os intolerantes a respeito de toda a ordem de considerações geraes, os *philosophobos*, os que olham com sobrececho para o pensamento que se levanta a discorrer e, se lhes fôra permittido, o agrilhoariam.

Diz-se: a tentativa é infructifera, porque o seu fim é inacessivel. Mas não basta enunciar esta affirmacão sem dados em que a apoiar; nem são sufficientes dados uma crença vaga, uma persuasão fundada na duvida e no sceptismo que sobrenada no espirito depois do naufragio de todas as doutrinas. A duvida só nada pôde estabelecer: é necessario legitimal-a, acompanhal-a com alguma cousa de positivo, ainda que circumscripto a limites muito exiguos; é indispensavel fazer o inventario, o deslinde, do que se sabe; ordenar methodicamente os conhecimentos, assignalar a cada um a sua importancia respectiva, marcar o ponto onde expira a certeza, em summa determinar bem os limites além dos quaes reina absolutamente a ignorancia.

Tudo isto é não só exequivel, mas ainda necessario. Estas aspirações existem, quando menos, instinctiva e confusamente em todos os homens de sciencia, e a missão da philosophia medica é desempenhar-se d'esta tarefa; mas d'um modo consciente e reflectido.

Á philosophia, sciencia universal, synthese de todos os ramos do saber humano incumbe ministrar á medicina os seus principios fundamentaes; á philosophia é que pertence a determinação do methodo que deve dirigir o espirito medico na investigação da verdade; ora, como hoje os estudos geraes, syntheticos, philosophicos, estão sendo notavelmente prejudicados pelos das minuciosidades e perfis, somos levados a consignar aqui algumas considerações tendentes a demonstrar as vantagens da philosophia medica, isto é, da philosophia considerada com applicação especial á medicina.

Não admira que haja quem conteste a importância da philosophia medica, quando ha quem nutra analogas duvidas a proposito da philosophia geral.

Ha muito quem pense que, sendo a medicina uma sciencia especial, deveria contentar-se com occupar dignamente o seu posto n'uma bem organizada republica scientifica, procedendo nas suas investigações pelos methodos mais convenientes, sem que a philosophia nada tivesse que vêr com o seu programma.

Para bem aquilatar o valor d'opinões d'esta ordem, basta recordar-nos de que é tal o grau de dependencia, em que estão todas as sciencias para com a philosophia, que bem pôde dizer-se, que aquellas são para esta o que os ramos d'uma arvore são para o tronco e raizes; e esta dependencia sóbe de ponto com relação á medicina que, pela natureza do seu objecto, é uma das sciencias que mais estreitas relações entretem com a philosophia. Esta dependencia porém não é absoluta; quer dizer: se os liames que prendem a medicina á philosophia são tão apertados, que as fazem solidarias uma da outra a muitos respeitos, nem por isso estas duas sciencias deixam de ser distinctas; e se é conveniente ter sempre em vista a distincção não o é menos apreciar com justiça os seus pontos de contacto, nunca prescindindo de um d'estes aspectos em obsequio ao outro.

Diz-se d'um modo banal que, se o facto puro e simples de a medicina depender da philosophia é motivo sufficiente para justificar a philosophia medica, tambem aquella sciencia depende da arithmetica, da logica, etc., e no entretanto ninguem admitte uma arithmetica, uma logica, etc. medicas. Mas quem não vê que não ha paridade n'estas comparações? A arithmetica e a logica são sciencias particulares

como a medicina; a philosophia é a sciencia geral, que as abraça a todas.

Não é a philosophia uma sciencia especial; mas dando de barato que o fosse, quem duvidaria admittir uma philosophia medica ao lado da physica e da chimica medicas? De resto aquella sciencia não é mais do que um modo particular d'encarar a philosophia, é esta sciencia applicada á medicina.

O que deixamos dito é sufficiente para estabelecer a possibilidade, a legitimidade até, da philosophia medica.

Mas será a philosophia medica realmente util? Quem poderá negar a utilidade da philosophia encarada nas suas relações com um dos ramos do saber, conhecendo que, como já deixamos dito, estes são relativamente áquella a que são as folhas e ramos d'uma arvore em relação ao tronco e raizes? Quando mesmo as soluções propostas ás altas questões philosophicas fossem universalmente accites, quando aquella sciencia tivesse traçado d'uma maneira incontrastavel o caminho que deviamos invariavelmente trilhar, ainda assim a sua intervenção seria util para a determinação d'umas leis, para a confirmação d'outras, finalmente, para considerar todos os factos sob um ponto de vista generico. Mas succedendo mui diversamente de tudo isto, apresentando a philosophia soluções diversas e encontradas, sendo tão differentes as sendas pelas quaes se pretende chegar á verdade, estando a anarchia e o cahos nos dominios da medicina, poderá alguem duvidar da utilidade dos esforços realisados no sentido de conter essa desordem, de restabelecer o equilibrio e de reunir esses preciosos elementos arrastados em direcções oppostas pelo turbilhão dos systemas e por vezes de paixões bem pouco dignas de verdadeiros homens de sciencia?

Mas a philosophia medica não só é util como tambem necessaria: a medicina, esse frondoso ramo de tronco philo-

sophico, não poderia viver se este não lhe transmittira a sua vivificadora seiva. Que pensariamos do estatuario que, pretendendo formar uma estatua fabricasse successivamente as differentes partes sem curar de reunil-as, ajustal-as, harmonisal-as? Por ventura chamariamos estatua ás differentes partes dispersas ou fortuitamente agglomeradas? Assim em medicina.....

No fim de tudo, e a despeito do que cada um possa manifestar, a philosophia acha-se necessariamente representada d'alguma fórma no espirito de todo o medico, quando menos d'um modo inconsciente, pois que o entendimento procede sempre synthetizando ao mesmo tempo que analysa. E, se todo o *medico é ao mesmo tempo philosopho*, é rasoavel que tenha consciencia da sua philosophia, analysando a sciencia n'este terreno, que só póde parecer estranho a quem, só preocupado com o character particular do seu objecto, desconhece as leis geraes que dirigem os seus juizos, o que não impede de as applicar, ainda que d'uma maneira quasi automatica.

Mais uma razão pois, para que o que existe d'um modo natural e necessario tenha cabimento nos livros, como o tem na ordem intellectual e seja objecto de reflexão e estudo.

Assim entendida, a philosophia é uma homenagem rendida á tendencia irresistivel que nos impelle para a unidade; a medicina, por natureza, em extremo complexa e multipla, unifica-se; arrastada em sentidos mui divergentes centralisa-se; revestida de côres diversas uniformisa-se, e os seus elementos discordantes refundem-se na harmonia geral, resultando d'ahi um todo bem proporcionado e accorde em vez d'um acervo confuso de membros desordenados.

Em resumo a philosophia medica incumbe-se da analyse das questões philosophicas nas suas relações com a medici-

na, e reúne sob um ponto de vista commum os principios e conhecimentos geraes que mais directamente interessam a esta sciencia.

Não se pense porém, que a philosophia medica ministra uma especie de formula universal, que comprehenda todos os casos particulares, dispensando assim a analyse dos pormenores: não, essa tem sido a constante, mas illusoria aspiração de todos os systemas exclusivos; mas a experiencia e o raciocinio tem-lhe feito justiça.

As formulas geraes que a philosophia presta á medicina são puras e simples noções genericas, que podem sem duvida applicar-se a muitos casos, mas que não constituem coisa alguma em particular; são ideias vacias, sem determinação concreta, em quanto não as acompanhe o conhecimento das differenças individuaes sobre que recáe a apreciação generica.

II

INFLUENCIA PERSISTENTE DA PHILOSOPHIA

SOBRE A MEDICINA

Para mostrar bem em relêvo o em que peccam os systemas medicos, tentaremos remontar-nos aos principios da philosophia e da medicina; esforçar-nos-hemos por seguir com o rigor de que fôrmos capazes a concatenação e filiação das ideias medicas e philosophicas; acompanharemos estas duas sciencias atravez dos seculos e afigura-se-nos poder deixar fóra de duvida, que a medicina tem em todas as épocas reflectido nas suas doutrinas os principios philosophicos dominantes.

DIVISÃO

Para facilitar a intelligencia da exposição que vai seguir-se, dividiremos em dous grandes periodos o lapso de

tempo que medeia entre Hippocrates e a época actual, e será a descoberta da irritabilidade o fundamento d'essa divisão; será este facto immenso, colossal, o marco milliarío que collocaremos entre a velha e a nova medicina.

Todos os systemas, que tiveram mais ou menos voga desde Hippocrates até Haller, não são mais do que a reproducção com pequenas modificações das doutrinas platonicas e peripatheticas; por isso todos se podem conglobar em dous grupos: systemas espiritalistas e systemas materialistas. Todos podem reduzir-se ao dynamismo psychico e ao dynamismo physico, isto é, todos attribuem a causa da vida ou a um agente immaterial (natureza, alma, archeo, principio vital, etc.), ou á realidade substancial material, considerando os phenomenos vitaes, como puras e simples manifestações das propriedades geraes da materia. Entre os primeiros nomearemos os de Hippocrates, Van-Helmont, Stahl, Barthez, etc.; entre os segundos consignaremos os de Themison, Sylvius, Hoffman, Borelli, Boërrhaave, etc.

O conhecimento da natureza do homem tem sido e será objecto de grandes discussões entre medicos e philosophos, em quanto, como diz Forget, o homem fôr escravo do seu instincto de casualidade. O problema porém é insolúvel, e esta *insolubidade* junta á differença de ponto de partida ou de methodo d'estudo que cada um, em harmonia com as suas tendencias, prefere, fornecem-nos a razão da immensa divergencia que tem existido nas doutrinas medicas desde a mais remota antiguidade.

Acabamos de fallar no methodo, isto é, no modo de conhecer, no procedimento empregado pelo espirito, em quanto estudado e conhecido, para investigar a verdade; ora é de

tal quilate a importancia d'este assumpto para a exacta comprehensão das materias subsequentes, que não podemos deixar de consagrar-lhe algumas palavras.

Dous methodos nos ministra a logica para descobrir a verdade: um *analytico*, outro *synthetico*. O primeiro, chamado d'invenção ou *inductivo*, funda-se na applicação do raciocinio *inductivo*, na observação e experiencia; procura remontar-se dos *phenomenos* ás respectivas causas, eleva-se das consequencias aos principios. O segundo, tambem denominado de *demonstração ou deductivo*, parte das causas para os effeitos, desce das ideias e principios da razão pura para chegar ao conhecimento dos *phenomenos*; principia por estabelecer uma fôrma abstracta a que os subordina, descendo depois a considerar cada um d'elles em particular.

Dichotomismo constante em medicina e philosophia.—Aos dous methodos precedentes correspondem dous grupos de doutrinas, que teem sempre existido em philosophia sobre a origem dos nossos conhecimentos. Com effeito asseveram uns, como Pythagoras, Socrates, Platão e seus sectarios, que todos os nossos conhecimentos procedem da razão, que pelos sentidos apenas conhecemos os modos de ser, os *phenomenos*, as propriedades, mas nunca as substancias, as cousas em si e que o conhecimento d'estas só pôde adquirir-se mediante a applicação tacita ou expressa, implicita ou explicita do principio racional: todo o modo de ser supõe uma substancia. (*Racionalismo*)—Outros, pelo contrario, sustentam, taes são Aristoteles e seus discipulos, que os nossos conhecimentos dimanam só dos sentidos ou da experiencia e não da razão, isto é, que nós conhecemos *directa e immediatamente* as substancias corporeas, sem que

se torne necessario para isso intervenção de qualquer raciocinio implicito ou explicito, por quanto as qualidades e modos de ser das substancias são tão inseparaveis d'estas, que só por abstracção será possivel consideral-as apartadas.

São estas as duas grandes correntes d'ideias de que a historia do espirito humano nos mostra a influencia persistente atravez dos tempos.

Logo no berço da medicina apparece-nos uma dichotomia analoga que é, por assim dizer, a primeira homenagem rendida á philosophia, o primeiro reconhecimento da soberania d'esta sciencia, a primeira prova, emfim, de que os destinos da medicina estão confiados ao poder e direcção da philosophia. Assim encontramos o naturismo de Hippocrates e seus filhos, representando o racionalismo, ao passo que o methodismo de Themison, Asclepiades, Aetheneo, etc., correspondem ao sensualismo philosophico ou es-cóla peripathetica; e se percorrermos os differentes periodos da historia encontraremos sempre um dichotonismo constante em philosophia e medicina, correndo parallelamente.

Depois da morte de Galeno seguiu-se um longo espaço de tempo, durante o qual não é facil divisar na historia padrões sufficientemente elevados e numerosos para por elles se poder afferir com rigorosa exactidão a marcha das ideias medicas e philosophicas; todavia não é difficil provar que a lucta anteriormente iniciada entre os espiritos, e que é uma das mais essenciaes condições da vida intellectual, não se suspenden.

Com a invasão dos barbaros do norte o meio-dia da Europa foi theatro de luctas vandalicas, offerecendo o spectaculo repugnante d'uma completa dissolução e do cahos em que só prevalece o direito do mais forte; a bella Ita-

lia especialmente, a terra classica das sciencias e das artes, foi superabundantemente regada pelo sangue de seus filhos.

No entretanto as sciencias recolheram-se a Alexandria, onde foram cultivadas com algum esplendor até ao incendio da famosa bibliotheca dos Ptolemeus e expulsão dos sabios pelos Arabes; felizmente porém, bastantes livros de medicina escaparam ao furor das chammas, o que segundo a opinião de Auber significa, que ainda os homens mais rudes, os espiritos mais incultos, veneram a sciencia que cura as dôres, ao passo que alguns auctores entendem dever attribuir este facto unica e exclusivamente á sordida cubiça que esperava encontrar n'esses livros o segredo da pedra philosophal.

Consecutivamente a sciencia medica foi dominada, absorvida até, pela philosophia mystica de Zoroastro; a arte, entre as mãos dos sacerdotes, era apenas uma cadeia de superstições exclusivamente destinadas a fomentar os interesses d'uma classe, que tanto tem abusado em todos os tempos da superioridade de luzes intellectuaes que lhe confere uma educação especial; finalmente, começaram então a germinar os elementos que mais tarde deram em resultado essa fastidiosa e pueril magia, a astrologia judiciaria, etc.

Durante o longo lapso de tempo que constitue a idade media, as tradições scientificas recolheram-se ao remanso dos claustros; bloqueado, por assim dizer, com o mundo exterior o espirito humano precisava de haurir em si mesmo os elementos para os seus raciocinios, d'onde resultavam discussões estereis, subtis distincções de palavras, o que por muito tempo constituiu o unico pabulo da actividade intellectual. A escolastica era então a unica preocupação

dos espiritos: em philosophia commentava-se Platão e Aristoteles, d'onde a celeberrima questão dos nominaes e dos reaes, a qual na idade media representou a lucta anteriormente travada entre aquelles dous philosophos; ao passo que em medicina, cultivada quasi exclusivamente pelos Arabes, interpretava-se variamente os escriptos de Galeno e Hippocrates, a cujas doutrinas pouco foi accrescentado.

Dotados d'um espirito subtil e argucioso e d'uma imaginação ardente, os Arabes eram mais aptos para admirarem o mysticismo platonico e extasiarem-se perante as profundas, complicadas e metaphysicas theorias de Aristoteles do que para observar pacientemente os phenomenos da natureza; ora é justamente esta alliança d'uma logica subtil com ideias mysticás que caracteriza os commentadores Avicenna, Mesuè, Rhazes, Averrhoés, etc.

A religião christã, depois de ter definitivamente triumphado da antiga civilisação, reinou despoticamente sobre os espiritos, concorrendo assim poderosamente para lhes retardar a marcha; como, porém, a liberdade e independencia do pensamento são essenciaes á natureza humana, mais cedo ou mais tarde haviam de necessariamente manifestar-se os primeiros indicios de reacção contra a preponderancia demasiado absoluta da theologia.

Pouco conscio pois dos seus direitos scientificos, como dos politicos e religiosos, o espirito humano escravizava-se ás ideias dos medicos Arabes, acceitando-as como dogmas inconcussos; a medicina vivia assim uma vida toda d'emprestimo; as suas longas raizes iam haurir a pouca seiva que ainda as percorria e vivificava ás obras de Hippocrates e Galeno; mas a partir dos fins do seculo decimo quinto o espirito forceja evidentemente por emancipar-se. Não se trata porém ainda de passar dos dominios da auctoridade

para os da observação, experimentação e livre exame; trata-se apenas de sacudir o jugo de hoje para curvar a cerviz perante o de hontem; repelle-se o dominio dos Arabes para abraçar cégame o dos Gregos; um verdadeiro culto votado a tudo quanto era antigo caracteriza o seculo dezeseis, e tanto, que o melhor que podia fazer-se para refutar uma ideia, um juizo, um raciocinio, era demonstrar que o seu significado não se encontrava nos antigos. Este afan de fazer reviver o que parecia morto sob a immensa lousa da idade media, foi efficaizmente secundado pela descoberta da imprensa.

«O seculo dezeseis, diz o snr. Cousin, não produziu um só homem grande em philosophia, um verdadeiro pensador, um philosopho original. Toda a utilidade, toda a missão d'este seculo limitou-se a apagar, destruir a idade media, mediante a imitação artificial de tudo o que era antigo.»

Effectivamente o seculo dezeseis não tem tendencias philosophicas bem accentuadas. Não admira; renascida, como a phenix da fabula, os primeiros passos da sciencia deviam naturalmente ser vacillantes. E' uma época de transição, em cujas obras predomina ainda muito a prolixidade fastidiosa da escolastica; no entretanto o observador attento não poderá deixar de vêr, atravez d'ella, luzir os primeiros alvares da independencia philosophica que caracteriza os seculos ulteriores, bem como poderá ahi encontrar mais ou menos bem representado o dichotonismo tradicional.

Durante este seculo as doutrinas platonicas eram professadas e ensinadas na Europa por Giordano, Bruno, etc., ao passo que Pedro Pomponat, Porta, Sepulveda, Zabarella e outros esforçavam-se por fazer reviver as doutrinas peripatheticas. Em medicina vêmos d'um lado Paracelso e Van-Helmont, procurando o principio da vida no mundo dos se-

res immateriaes, d'outro lado Silvius, pedindo aos sentidos, exigindo á chimica a solução do problema.

Estas tentativas d'usurpação da parte da chimica repetiram-se depois que esta recebeu de Lavoisier a sua constituição scientifica; mas é certo que, a despeito dos seus progressos colossaes, ainda hoje é impotente para resolver d'um modo satisfactorio as questões physiologicas e pathologicas.

Mas dêmos-nos pressa em chegar ao seculo dezesete, em cuja fecundidade poderemos respigar mais abundantemente.

DESCARTES E BACON

São os dous fundadores da philosophia moderna. Ambos vibraram profundos golpes sobre a escolastica, que, apesar de muito abalada, impregnára ainda bastante o seculo anterior; ambos proclamaram a plena e inteira liberdade de pensamento; no que porém, divergiram, foi relativamente ao methodo que mais directamente conduz o espirito ao descobrimento da verdade.

Bacon exalta a superioridade do methodo experimental e observação dos factos sensiveis, em quanto que Descartes proclama a supremacia da razão, fundando uma escola racionalista; aquelle é estrenuo apologista da analyse; este faz a apothese da synthese. O exclusivismo perdeu-os a ambos: analyse e synthese são elementos necessarios, essenciaes, do conhecimento; o primeiro, como processo commum baseado sobre a nossa imperfeição e contingencia; o segundo, representando a applicação do entendimento

aos proprios elementos do conhecimento, unindo o sujeito com o objecto em uma synthese indissolvel, em uma profunda unidade, constitue verdadeiramente o conhecimento.

Bacon não se cansava de preconisar a observação dos factos naturaes, desconfiando sempre da solidez d'essas construcções em que o espirito tira tudo do seu proprio fundo, como a aranha tira do seio a substancia da sua teia «admiravel pela perfeição e delicadeza do trabalho, mas sem prestimo nem solidez.» A analogia é frizante e exacta, e não colhe a objecção de substituir a aranha pelo bicho da sêda no que diz respeito ás sciencias d'observação e especialmente á medicina, que além de ser sciencia *em geral é medica* em particular, consequentemente experimental.

A especie de crivo, que o illustre chancellor imagina para operar por meios d'algum modo mecanicos a separação do geral do particular, não teria utilidade senão quando se operasse sobre factos, por assim dizer, em bruto, que nenhuma concepção theorica liga ainda. Esta observação é tanto mais importante quanto é indubitavel que certas escólas modernas, que se dizem modeladas pelo *novum organum*, não vêem, nas sciencias até cuja organização é mais perfeita, senão acervos de factos distribuidos segundo o seu respectivo grau de generalidade. E, diga-se em abono da verdade, o proprio Bacon auctorisou d'algum modo esta conclusão que os positivistas contemporaneos deduziram do seu modo de encarar o methodo inductivo, que não comprehendeu cabalmente, por quanto não attingiu o principio racional em virtude de que o espirito se remonta de facto á lei, e que nos permite colher da experiencia mais do que n'ella existe, infinitamente mais até do que ha no facto submettido á experiencia.

Longe de tomar, como Platão e Descartes, o entendimento humano como a «medida das cousas», affirma logo ao principio, que se encontram na sua constituição causas de erro e illusão. Estas são constantes e Bacon compara-as com um vidro interposto ao observador e objecto observado, desviando os raios luminosos e alterando as imagens; do que se deduz logicamente a impossibilidade absoluta de o espirito se desembaraçar das causas d'erro com tal procedencia; ao passo que confessa que só «uma critica cuidadosa do espirito humano e um estudo attento da natureza pela concepção da ordem geral do mundo poderão remover essas origens de illusão». D'aqui resulta uma contradicção e um circulo vicioso que Bacon não pôde evitar, attenta a ideia imperfeita que fazia do methodo inductivo. A indução é para Bacon em philosophia um processo analogo á *addição* em arithmetica.

Finalmente: será verdade que, como pretende Bacon, o methodo experimental nivele as intelligencias? Parece impossivel que uma tal utopia entrasse no numero das convicções do chancellor inglez.

Antes que Galileo observasse as oscillações d'uma lampada suspensa, quantos individuos não as teriam presenciado? No entretanto estava reservado á intelligencia e talento do primeiro o descobrir a relação existente entre a amplitão das oscillações e o comprimento do pendulo que as executa, e subministrar-nos um instrumento de que mais tarde se fez um uso maravilhoso.

Antes que um jardineiro de Florença chamasse a attenção de Galileo para o facto de em uma bomba a agua não se elevar mais do que trinta e dous pés, com quanto acima d'este nivel existisse o vacuo, não teria este facto sido presenciado muitas vezes?

Foi indispensavel que Torricelli e Pascal aventurassem a admiravel hypothese de que a variação de nivel dos liquidos em tubos, attribuida desde o tempo d'Aristoteles ao *horror vacui*, tinham por causa o pêso do ar, hypothese que as ascensões de Périer au Puy-de-Dôme e de Pascal á torre de Saint Jacques de la Boucherie converteram em brilhante realidade.

E' incontestavel que as leis serão tanto mais geraes e verdadeiras quanto comprehenderem um maior numero de factos; mas pretender, como os positivistas modernos em geral, que os medicos se attenham unica e exclusivamente aos factos por um tempo sufficiente para realisar a *floresta* de que falla Bacon, para depois derramar sobre esses factos toda a luz que póde projectar o brilhante facho d'uma razão esclarecida, não é só abraçar uma chimera, é mais do que isso, é pretender um absurdo. Pois impõem á razão um jugo de ferro, suffocam-na toda a vez que ella tenta exercer-se sobre dados analyticos, condemnam-na á inacção, deixam-na, por assim dizer, crear ferrugem, e veem afinal pedir-lhe que realise uma operação, para a qual ella carecia de toda a destreza que só um exercicio incessante póde gran-gear?!

O methodo experimental é absolutamente necessario como meio de estudo nas sciencias medicas, mas não abdi-quemos a razão; seja, como diz o snr. Trousseau, cada um de nossos passos, por assim dizer, a encarnação d'um pensamento; consintamos que, a proposito de cada porme-nor, a razão esparja todo o clarão de que é susceptivel; a não ser assim, o estudo da medicina é fastidioso, infructi-fero, impossivel.

Bacon não nos legou um systema completo: limitou-se a traçar as regras do methodo inductivo, o unico, em sua

opinião, capaz de dirigir seguramente o espirito na investigação da verdade. O seu superior bom senso impediu-o de cahir no sensualismo de Locke, Condillac, etc., seus successores immediatos.

Menos timido do que Bacon, Descartes não foi só reformador, como ainda chefe de seita; mas partiu d'um principio muito differente, e tanto, que fundou uma escola racionalista. A causa dos erros passados é agora considerada ao invéz do modo por que a encarára Bacon: Se o peripathetismo, se a escolastica, não fizeram senão augmentar a espessura das trevas, não é porque os philosophos não tivessem na devida conta a experiencia e a observação do mundo exterior, mas sim porque não souberam interrogar convenientemente o espirito humano e tirar d'elle o fundo de verdades primeiras, que devem explicar o mundo com todas as suas apparencias.

E' indispensavel duvidar provisoriamente de tudo até que se chegue a proposições d'uma tal evidencia que não seja permittida a duvida. Depois de ter posto de parte as ideias falsas e inconsistentes, que os seculos accumularam, encontrar-se-ha o solo primitivo e inabalavel, sobre o qual se poderá edificar solidamente, com tanto que se empreguem materiaes de tal modo proprios, que da solidez dos alicerces resulte a da construcção inteira.

D'este scepticismo temporario e reflectido de Descartes (duvida methodica) resultou a asseveração d'uma primeira realidade, mas irrefragavel, irresistivel, a da sua existencia como ser pensante, condição indispensavel para realisar a propria operação da duvida universal, e sobre esta realidade vai elle estabelecer todas as outras.

Tudo o que nós concebemos mui clara e distinctamente é verdadeiro.

Como garantia d'isto, Descartes toma, não a observação da ordem do mundo, das leis da natureza a que elle proprio se acha subordinado, mas a ideia da perfeição e veracidade infinitas de Deus, sem o que o que nós chamamos *mundo, natureza*, poderia não ser mais do que um producto da nossa imaginação.

Vejamos: Descartes afirma que todas as ideias concebidas clara e distinctamente são verdadeiras, baseando-se na veracidade e perfeição infinitas de Deus, ao passo que a existencia do Ente Supremo só pôde estabelecer-se sobre o axioma, que todas as coisas devem ser taes como o espirito as concebe clara e distinctamente.

Como continuadores de Descartes, consignaremos Spinoza, Mallebranche, Leibnitz, etc.

Não encontrando no espirito humano noção mais indelivel que a de substancia, facto mais incontestavel que o do pensamento, ideia mais clara que a da extensão, Descartes estabeleceu com inflexivel rigor a distincção das substancias pensante e extensa, espiritual e corporea, e tirou arrojadamente as legitimas consequencias d'estas premissas.

Os animaes são puras machinas e tudo deve explicar-se em a natureza corporea pelo mecanismo grosseiro e passivo, ao passo que na ordem espiritual só deve recorrer-se aos principios mais puros e elevados.

Assim pois temos duas ordens de substancias: a materia e suas leis physicas e a substancia espiritual com as suas leis metaphysicas. Este modo de raciocinar parece mui logico: com effeito por um lado vêem-se substancias, cujo attributo caracteristico é a extensão, incapazes de pensamento e por outro substancias cujo cunho essencial é o pensamento, que excluem absolutamente a extensão:

haverá nada mais rigoroso? Que divisão mais cathégorica e mais clara? Sem duvida; mas esta simplicidade, esta facilidade da primeira concepção conduz ao absurdo do animal machina e outros.

A metaphysica de Descartes era tão bem accommodada em suas premissas á constituição do espirito humano, que seduziu immediatamente os espiritos mais cultos do seculo dezesete, imprimindo um vigoroso impulso ás sciencias physico-mathematicas, e fazendo até conceber aos medicos a possibilidade d'explicar pelo calculo os phenomenos do corpo vivo.

A digestão era agora considerada como uma simples trituração dos alimentos e solução consecutiva, o apparelho circulatorio como uma vasta machina hydraulica em que o coração desempenhava o papel de bomba aspirante e calcante, o calor animal resultava do attrito dos globulos sanguineos contra as paredes dos vasos e assim por diante. Tal foi a doutrina iatro-mecanica de que foram acerrimos partidarios Borelli, Boërhaave, Bernouilli, Harvey, etc.; ora, comquanto esta escóla cahisse em erros deploraveis, é necessario que não passe desapercibida a sua paixão pelo positivo, assim como é forçoso convir em que prestou relevantes serviços no attinente á descripção e apreciação dos phenomenos mecanicos do corpo vivo.

Convencido da impotencia do iatro-mecanicismo para dar uma solução satisfactoria aos problemas estabelecidos pela physiologia e pathologia, Stahl construiu o animismo. Inspirando-se nas ideias cartesianas da epoca, continuava a vêr no homem duas entidades absolutamente distinctas: uma alma que lhe communica a intelligencia e um instrumento, uma machina, em que se assemelha aos animaes. Para Stahl a organização é inteiramente passiva; os phe-

nomenos vitaes que ahí se passam, a circulação, a digestão, a respiração, as secreções, etc., são dirigidas pela alma e tendem á conservação e desenvolvimento do corpo, puro e simples instrumento, mediante o qual ella commercia com o mundo exterior.

O absurdo d'este systema salta immediatamente aos olhos: se a alma não é só pensante, se vive tambem, o que vem ella a ser como consciencia, como pessoa moral, como causa voluntaria e livre? Se todas as funcções organicas fossem o resultado de determinações da alma, parece que deveriam todas ser voluntarias.

Sigamos agora o caminho inaugurado por Bacon. Quando appareceu o *novum organum*, já Harvey havia descoberto o mecanismo da circulação do sangue; desde os fins do seculo decimo-quinto tinham-se realisado importantes progressos em anatomia; os medicos tendiam naturalmente para a observação e tanto que, segundo o snr. Daremberg, Bacon não fez mais do que expressar essas tendencias. Reconhecemos a exactidão d'este modo de vêr, todavia nem isto vai cercear a gloria de Bacon nem prova, como pretende o illustre historiador francez, que a medicina seja, por assim dizer, autochthona. Depois do que em outro logar deixamos escripto a proposito do grau de dependencia, em que está a medicina para com a philosophia, seria superflua uma digressão a este respeito.

No entretanto o impulso communicado por Bacon aos espiritos revelava-se por descobrimentos importantes, que uma soffreguidão d'observar accumulava de toda a parte e que desde logo mudariam a face da sciencia se as doutrinas cartesianas não se apoderassem d'elles, interpretando-os em harmonia com as suas opiniões preconcebidas sobre a inactividade da materia. Tanto é verdade que o alcance ef-

fectivo d'uma descoberta scientifica depende menos do valor intrinsicco do facto descoberto, que do grau de madureza da sciencia, onde vem alojar-se, e da propriedade que possa ter de despertar uma d'essas ideias novas, que contêm o germen de reformas ou revoluções scientificas.

Preparada pelos trabalhos anatomicos do seculo decimo-sexto, a physiologia começava com Harvey, por onde devia começar, pela mecanica, esperando que chegasse a vez da chimica e que, com o progresso da experimentação physiologica, se fosse tentando penetrar na economia das forças mais intimas e levantar alguns cantos do véo, que occulta os phenomenos mais secretos.

Foi Glisson o primeiro que ousou romper com as crenças então universalmente accites, asseverando que «a materia é activa, dotada de forças proprias intermedias a ella e Deus.» Na sua «*anatomia hepatis*» Glisson pronuncia pela primeira vez a palavra irritação, querendo significar um estado de sobreexcitação, em virtude de que uma parte qualquer do organismo, considerada em globo, sendo sollicitada mediante um estimulo, reage por meio de movimentos. Em 1672, em uma segunda obra, encarando a questão sob um ponto de vista mais generico, chama *irritabilidade* não só á causa dos movimentos musculares, mas até, e principalmente, ao principio da vida; todavia, deluindo o seu pensamento em uma linguagem ainda muito mystica e prolixa, entregou-se a abstrações e especulações, que, conjunctamente com as ideias cartesianas, concorreram poderosamente para que a ideia não fructificasse immediatamente.

As ideias de Glisson são ainda em extrêmo timidas e vacillantes; ha ahi uma mistura, por vezes inextricavel das faculdades naturaes de Galeno com o archeismo de Van-

Helmont; o que, porém, o distancia immenso dos seus predecessores é a affirmação bem explicita de que a materia organizada é activa «porquanto toda a natureza vive, a materia bruta é dotada de movimento e, até certo ponto, pensante.» [*De natura substantiae energeticae* (Glisson).]

Durante os annos, que medeiam entre Glisson e Haller, Stenon, Malpighi, Lewenhoek, Ruysch, etc., realisam importantes descobrimentos em anatomia; Claude Perrault, du Verney e Vicussens, membros da academia real das sciencias fundada em 1666, communicam tambem um grande impulso áquella parte da medicina e entregam-se a estudos sérios sobre a physiologia do homem e dos animaes; Bonnet e Morgagni popularisam as observações necroscopicas; Haller, finalmente, dá uma demonstração verdadeiramente scientifica, isto é, experimental, da existencia da irritabilidade.

O distincto professor de Cambridge encarára a irritabilidade como uma propriedade commum a todas as partes do organismo, ao passo que Haller, considerando-a como exclusiva da substancia dos musculos (gluten ou gelatina animal) cahiu no extremo opposto; restringiu-lhe demasiado a significação. «A irritabilidade, dizem os snrs. Litré e Robin, é um termo muito geral que designa os diversos graus d'actividade vital, quer dizer as propriedades elementares de que gozam os elementos anatomicos, que são representadas pela sensibilidade e contractibilidade.»

E' ainda para notar-se que Haller denominou contractibilidade a propriedade puramente physica que tem os tecidos organizados de voltar ao estado primitivo, quando distendidos por qualquer causa; e no entretanto existia já na sciencia a palavra contracção para designar o acto vi-

tal do encurtamento d'um musculo submettido á acção d'um estimulo.

Haller, com quanto previsse que a sua descoberta fundamental havia de realizar mudanças importantes em pathologia e therapeutica, ainda assim, escudando-se com uma prudente reserva, absteve-se de tentar sequer a organização d'um systema regular, e levou o seu escrupulo e timidez a ponto de recusar chamar vital á propriedade, cuja existencia evidenciára experimentalmente, só pelo facto de se encontrar no cadaver.

Foi pois Haller quem, fundado na descoberta de Glisson, veio demonstrar-nos d'uma maneira irrefragavel, que a materia organizada possui propriedades especiaes inherentes á sua constituição, como a attracção e a gravidade o são á materia inorganica, propriedades que nos dão a razão dos phenomenos que n'ella se passam, que nem se confundem com as forças physicas nem com o agente intellectual.

A irritabilidade constituia agora uma barreira intransponivel collocada entre as sciencias biologicas e as physicas, e, nos primeiros momentos d'entusiasmo por esta descoberta, julgou-se ter alfim resolvido o problema da vida por tantos seculos mergulhado nos arcanos do incognito.

Não aconteceu porém assim; a medicina, como disse um distincto professor da nossa Escóla, havia de soffrer, como todas as sciencias, o predominio da philosophia: a philosophia ia ainda mais uma vez revelar n'ella a imperfeição do espirito humano no mesmo dichotomismo que desde o principio a dividia.

Após uma curta digressão forcejaremos por esclarecer um pouco esta ideia.

Como dissemos, Haller não teve coragem, não teve tal-

vez genio para arrostar com todas as legitimas consequencias das premissas estabelecidas experimentalmente; Cullen porém, um pouco mais ousado, tentou a applicação da descoberta de Haller á pathologia; no entretanto eram tão profundas as raizes lançadas nos espiritos pelas doutrinas iatromecanicas, que o systema de Cullen sahiu um mecanicismo disfarçado, onde os phenomenos organicos são apenas susceptiveis de variantes da quantidade. O solidismo de Cullen é, por assim dizer, o mecanicismo de Hoffmam vitalisado; ambos se fundam no espasmo e atonia, mas separa-os um abysmo: para Hoffman a dilatação e retracção dos tecidos, a systole e diastole dos vasos são a consequencia da penetração d'aquelles por um fluido especial segregado pelo cerebro. No primeiro caso os orgãos são dilatados mecanicamente; no segundo retrahem-se em virtude da elasticidade propria, logo que esta força supera a expansibilidade do ether. Para Cullen o espasmo e a atonia são variantes quantitativas d'uma força inherente á fibra (irritabilidade) determinada, posta em jogo, pelos agentes physicos, mas não communicada por estes, como acontece com o calor, luz, movimento, etc.

ORIGEM DO ORGANICISMO E VITALISMO

Não podendo a irritabilidade ser abrangida por nenhum dos systemas que existiram até Haller, torna-se necessario formar um novo grupo que designaremos pela expressão collectiva—dynamismo vital.

Posto isto, o espirito investigador e a tendencia a seguir em todas as épocas exclusivamente o methodo synthe-

tico ou o analytico, promoveram desde logo dissidencias sobre o modo de encarar a descoberta de Haller. Assim, uns (vitalistas) attendendo exclusivamente á profunda unidade que preside a todos os phenomenos organicos, consideraram a irritabilidade como propriedade da fórma, do todo, isto é, da materia organizada no seu conjuncto, constituindo o organismo; ao passo que outros (organicistas) encararam-na como propriedade molecular, inherente a cada uma das partes ou elementos anatomicos.

Organicismo e vitalismo são agora as duas expressões do dichotomismo a que ha pouco alludimos e que tem sempre acompanhado a sciencia na resolução do problema da vida.

Como systemas typicos, onde se acham cabalmente realizadas e desenvolvidas as ideias fundamentaes do vitalismo e organicismo, apresentamos d'um lado os de Brown e Rasori, d'outro lado o de Broussais.

A doutrina de Barthez, que para a maior parte dos historiadores e medicos representa o typo do vitalismo, não o é realmente.

Descartes deixára a materia e o espirito face a face, em uma incompatibilidade e opposição perpetuas; o mesmo Stahl em medicina. Leibnitz propôz-se apagar a desharmonia creada por Descartes; Barthez, a estabelecida por Stahl: o primeiro, fazendo intervir Deus no principio da criação, imaginou a theoria da harmonia preestabelecida; o segundo phantasiou um principio vital, especie de mediador plastico, intermedio á alma e á materia, sem pensar que isto era, quando muito, deslocar a questão.

A doutrina de Montpellier é animista. Vamos demonstral-o:

Sem embargo de combater o animismo e a despeito de

se ter inspirado na reforma de Bacon, Barthez foi justamente precipitar-se no extrêmo que pretendia evitar. E' verdade que elle tem o cuidado de advertir que a expressão — principio vital — é apênas uma formula nominal da causa dos actos vitaes, sem nada avançar sobre a natureza d'essa causa, bem como hesita entre o considerar o principio vital como uma substancia independente e o encaral-o como uma pura e simples modalidade do corpo vivo; no entretanto é certo que elle por vezes substancialisa claramente aquelle principio, attribuindo-lhe qualidades, attributos, tendencias, etc.

Entre as mãos de Lordat, immediato successor de Barthez, a doutrina do mestre requintou, e o principio vital é francamente denominado — alma de segunda magestade — conservando-se em união hypostatica com a alma propriamente dita.

Que poderá pois ser este principio intermedio imaginado em Montpellier? Será material ou immaterial? Em ambos os casos as difficuldades subsistem inteiras. Será uma e outra coisa simultaneamente? Não: espirito e materia não se penetram, não se fundem, não se identificam. Não será uma nem outra coisa? Mas que poderá evocar o pensamento ou mover a materia, não sendo materia nem pensamento?

Concluimos, pois, que o denominado vitalismo de Montpellier só differe do animismo de Stahl em ter dichotomizado a alma; é, pois, um duplo animismo.

Deixando porém agora estas contradicções do systema diremos muito de passagem, que a Barthez se deve a monumental doutrina dos elementos morbidos, modelo d'analyse e synthese clinicas, que ainda hoje póde e deve ser conservada como a melhor, sob condição apenas de subs-

tituir-se a expressão —principio vital—por est'outra—systema vivo—, a qual é menos systematica, despida de qualquer pretensão ontologica, e tem, como aquella, a vantagem de salvaguardar essas modificações geraes do organismo, unitarias e só contestaveis por aquelles que pretendem pulverisar as doenças como Piorry, Forget, etc.

III

BROWN

Desde Haller notava-se falta de rigor logico no modo de deduzir as consequencias dos principios, tornava-se necessaria uma lição de logica; serão Brown e Broussais que a dêem.

Uma vez admittida a irritabilidade tal como a encarára Cullen, estava feita taboa raza de toda a nosologia e materia medica, porquanto simples modificações d'uma força para mais ou para menos, meras variantes de quantidade não bastam para estabelecer differenças fundamentaes.

Cullen olhára ainda muito para a organização, para as modificações que imprime á irritabilidade o estado variavel das partes, vira ainda muito em relevo a vitalidade propria de cada uma, outras tantas portas que, dando ingresso á especificidade, introduziam a anarchia no seu systema; Brown, porém, mais audaz e mais logico, saltou por cima de todas as considerações particulares, attendendo exclusivamente ao complexo da organização que, considerando-o abstractamente, designou com o vocabulo—incitabilidade.

A vida mantem-se pelos estimulantes, tal é a proposição fundamental de Brown. A incitabilidade é uma propriedade geral, uma e indivisivel em todo o organismo, mas ficaria inactiva se não fosse posta em jogo pelos agentes incitantes, que actuam sobre ella em virtude d'uma verdadeira affinidade.

As potencias estimulantes, actuando sobre a incitabilidade, produzem a incitação, que é a propria vida, d'onde resulta que a admissão d'agentes debilitantes importaria a negação da vida e do systema de Brown.

Os estimulantes, actuando sobre a incitabilidade, tem uma acção sempre identica, comquanto variavel na quantidade; consequentemente a especificidade é uma chimera.

A investigação da natureza das causas é, no dizer de Brown, o grande escolho da philosophia; por isso não entra na apreciação da natureza da incitabilidade nem do modo como os estimulantes a modificam.

Entre as mãos do illustre medico d'Edimburgo, a incitabilidade era a principio apenas uma fórmula designativa da causa proxima dos actos vitaes; pouco a pouco, porém, considera-a como uma autocracia suprema, uma entidade especial, cahindo assim em um requintado ontologismo.

A saude como a doença só dependem do grau d'incitação; consequentemente, nada tem com o estado dos solidos nem dos humores.

Tal é a physiologia de Brown; vejamos que pathologia d'ella se deduz.

Os estimulantes, segundo o grau d'intensidade da sua acção, podem produzir doenças geraes e locaes. As primeiras desde o seu começo suppõem uma oportunidade prévia (predisposição) procedente d'uma modificação do princi-

pio da vida, conseguintemente o seu tratamento deve dirigir-se ao todo da organização; as segundas só podem generalisar-se com o andar do tempo, não dependem de predisposição e a sua therapeutica deve limitar-se á *parte affectada*.

A predisposição é um estado intermedio á saude e á doença, precede sempre as molestias geraes e é produzida pelas causas d'estas, actuando em menor grau.

N'este systema chama-se diathese o estado do organismo na occasião em que se manifesta uma doença geral ou a sua predisposição. Ha duas diatheses: esthenica e asthenica. A primeira é um estado do organismo que precede as molestias esthenicas ou a sua respectiva oportunidade, a segunda preexiste ás molestias asthenicas ou á predisposição que lhes é propria.

As doenças geraes chamam-se esthenicas, quando devidas a um excesso d'acção dos estimulantes e asthenicas, quando procedem de insufficiencia d'essa acção; é porém indispensavel não perder de vista, pois é este o ponto capital da doutrina de Brown, que mesmo nas molestias mais asthenicas ha sempre um certo grau de estimulo, porquanto o sangue, por mais depauperado que esteja, conserva sempre algum poder estimulante, sem o qual a vida não poderia subsistir. Póde-se pois dizer, que a asthenia é produzida por agentes debilitantes, com tanto que convenhamos em que estes agentes produzem um grau d'incitação inferior ao indispensavel para a manutenção da saude.

As molestias asthenicas, relativamente á frequencia, estão para as esthenicas como 97 para 3. A proporção é inversa para Broussais.

Não obstante as molestias geraes terem por verdadeira séde a incitabilidade, propriedade uma e indivisivel, ainda

assim as lesões organicas podem manifestar-se nas diversas partes do corpo d'um modo desigual, sem que todavia estas sejam origem de qualquer indicação curativa.

A disposição das partes torna umas susceptíveis de mais incitação do que outras e Brown tentou até calcular mathematicamente estes diversos graus; assim diz elle: suppondo que em uma molestia geral a manifestação local principal é representada por 6, a lesão local menor de cada parte por 3 e o numero de partes levemente lesadas por 1000, a lesão local mais importante estará para a lesão de todo o resto do organismo como 6 para 3000.

As indicações therapeuticas são tiradas da diathese, e o papel do medico limita-se a augmentar a incitação na asthenia e a diminuir-a na esthenia, isto é, a fazer entrar a incitação nos limites que constituem a saude.

Como as diatheses esthenica e asthenica são produzidas pelos agentes estimulantes, actuando em grau inverso, segue-se que, para as combatermos, teremos de empregar sempre os mesmos meios, e podem servir quaesquer, com tanto que a intensidade da sua acção esteja na razão inversa das potencias que produziram a diathese. Assim, diz Brown, suppondo que a diathese esthenica subiu a 60° da escala d'incitação (taboa de Lynch) deve o medico procurar subtrair 20° d'incitação excessiva, o que conseguirá, usando d'agentes cujo estimulo seja assás diminuto.

Em summa, diz Auber, o celebre professor d'Edimburgo reduzia toda a physiologia ás variantes d'um mesmo principio, a incitabilidade; toda a etiologia a uma cathegoria de causas intituladas estimulantes, cuja acção, segundo a sua intensidade, revestia as fórmias esthenica ou asthenica; a pathologia limitava-se a dous estados morbidos esthenia e asthenia, a therapeutica emfim, como a etiologia, resu-

mia-se em uma unica ordem d'agentes, os incitantes. As potencias incitantes produzem a fraqueza por duas fórmas: 1.º estimulando muito pouco, conseguintemente dando lugar a accumulacão d'incitabilidade nos orgãos, isto é, fraqueza directa ou asthenia; 2.º actuando com energia excessiva, fazendo excessivo consumo d'incitabilidade, d'onde resulta fraqueza indirecta ou esthenia.

O systema de Brown é, como se vê, extremamente simples, e, salvas algumas contradicções, tem um certo cunho d'unidade e regularidade, de sorte que a pathologia deduz-se logicamente da physiologia e d'aquella a therapeutica.

Abstrahindo de toda e qualquer noção d'anatomia, de physiologia, de pathologia, de pharmacologia, desprezando até as luzes que já no seu tempo a anatomia pathologica ia projectando sobre a medicina, Brown cerrava todas as portas ao accesso da especificidade e conseguia realisar o sonho doirado de todos os systematicos, que é simplificar a medicina a ponto de a reduzir á cathegoria de sciencia exacta. Lynch, um dos seus mais notaveis discipulos, construiu um quadro em que os graus de saude e doença são mathematicamente calculados, de sorte que munido d'elle era em extremo facil ao medico fazer o diagnostico e tirar a indicação therapeutica.

Com quanto fosse um adversario implacavel do mecanicismo Brown não se soccorreu para a confecção do seu systema a nenhuma das propriedades vitaes evidenciadas por Haller. Porque não denominaria contractibilidade nem sensibilidade o seu principio da vida? Porque, como diz o snr. Pidoux, *«aquella faria lembrar constantemente a fibra muscular com as suas alteraçoes e funcções especiaes, e esta obrigaria a fallar do systema nervoso e das infinitas modificações de que é susceptivel»*, quando é certo que o professor Escocez

precisava de conceber uma propriedade, força ou motor, abstracta e indeterminada, que não suggerisse a ideia d'objecto algum sensível, que não se ligasse a coisa alguma particular, que, finalmente, fosse só susceptível de modificações quantitativas. N'este caso está a incitabilidade.

Como que a titulo de concessão obrigada pelo seu bom senso, Brown consagra no seu quinto livro um capítulo ás doenças locaes; ora não se comprehende facilmente como possa existir uma lesão local d'um principio essencialmente vago e indeterminado, incapaz de ser modificado por um tecido vivo; esta contradicção, porem, era demasiado flagrante para que podesse escapar á perspicacia do celebre reformador que, afinal, se resolveu a localisar a incitabilidade no systema nervoso.

Alguns criticos, partindo da ideia, que a incitabilidade podia ser diminuida directa e immediatamente censuraram a Brown o não ter admittido potencias sedantes directas; por pouco, porem, que se reflecta, ver-se-ha que a admissão da fraqueza produzida directamente por agentes hypsthenisantes seria a negação do principio fundamental do systema de Brown, que consiste em affirmar que a vida é o resultado da acção dos estimulantes sobre a incitabilidade.

O reformador Escocez fundiu a irritabilidade e sensibilidade em um só principio a—incitabilidade—; ora, como judiciosamente observa o dr. Coutanceau, não era licito a ninguem, depois das brilhantes experiencias de Haller, confundir em uma só expressão duas propriedades que podem, é verdade, não ser mais que modalidades d'um mesmo principio, mas que, em todo o caso presidem a duas ordens de phenomenos bem distinctas.

Parece á primeira vista que Brown fez taboa raza de toda a nosologia e materia medica, pois que dizer que as

molestias differem só pela quantidade e pela séde, equivale a negar a especificidade morbida, conseguintemente a nosologia e materia medica, cousas que se suppõem e se correspondem; reflexionando, porém, um pouco, veremos que no seu systema existe uma palavra, que, como diz o snr. Pidoux, «tendo sobrevivido ao naufragio da antiga medicina, conquistou ahi um logar e ahi conservou a ideia de molestia, apesar de todos os esforços envidados pelo antinosologismo para a aniquilar». E com effeito, se o dichotomismo browniano exclue a ideia de especificidade morbida e medicamentosa, é tambem certo que no seu systema, a noção da diathese é o sustentaculo da doença, da unidade morbida, do consensus unus da organização. Finava-se a nosologia, mas a favor da noção de diathese subsistia a pathologia.

RASORI

A sua doutrina funda-se tambem sobre o principio da incitabilidade: a irritabilidade de Haller, sendo uma simples propriedade de tecido, recordava demasiadamente as modificações locaes, e Rasori desejava acima de tudo conservar a unidade organica, e com ella as doenças geraes, as affecções, as diatheses, etc.

Broussais denominava erradamente este systema brownismo italiano, porquanto as consequencias physiologicas, pathologicas e therapeuticas que deduziu Rasori da incitabilidade são diametralmente oppostas ás de Brown.

A despeito de ter sido discipulo de Brown foi Rasori o primeiro que mais certos e profundos golpes vibrou sobre o seu systema.

Principiando por desdobrar o principio da incitabilidade em duas forças, igualmente abstractas, o estimulo e o contra-estimulo, inverteu completamente a ordem de importancia dos termos do dichotomismo pathologico de Brown.

Observador mais minucioso e attento do que seu mestre, Rasori contestou-lhe desde logo a identidade d'acção das potencias vitaes. Como é sabido, o distincto medico Escocéz não admitte, não podia até admittir a debilidade directa e immediatamente produzida por agentes sedantes, ao passo que Rasori, observando que certos agentes tinham a propriedade de deprimir directamente as acções vitaes, entendeu com razão não dever nem poder comprehendel-os na classe dos estimulantes, e por isso lhes chamou contra-estimulantes. Observando além d'isso o mau resultado que procedia do emprego dos estimulantes em certas doenças tidas por Brown como asthenicas, convenceu-se de que ellas eram, pelo contrario, esthenicas e pôde lisongear-se com o emprego dos sedantes em taes casos.

Os factos iam pois além do alcance dos principios estabelecidos pelo medico Escocoz; eram excessivamente estreitos os limites que elle impuzera á sciencia, e a pratica e a experimentação forneciam a Rasori provas inequivocas da realidade de existencia de substancias contra-estimulantes.

Partindo d'estes principios, o medico Italiano julgou-se auctorizado a substituir a proposição fundamental de Brown —a vida mantem-se á custa dos estimulantes—por est'outra: a vida é o resultado da acção de duas forças distinctas e contrarias, constantemente em lucta, estimulo e contra-estimulo, de cujo equilibrio ou disequilibrio resulta a saude ou a doença.

O predomínio permanente do estímulo ou do contra-estímulo, dá lugar a um estado morbido ou diathese, que no primeiro caso toma o nome de diathese de estímulo ou hypersthenica, correspondente á diathese esthenica de Brown, e no segundo se chama diathese de contra-estímulo ou hyposthenica, analoga á diathese asthenica.

A relação de frequencia d'estas duas ordens de diatheses é inversa da estabelecida por Brown; de sorte que em 100 molestias 97 são hypersthenicas e 3 sómente hyposthenicas.

Em harmonia com estas duas ordens de doenças, Rasiorski dichotomisa a pharmacologia, formando duas classes d'agentes medicamentosos, uma de hyposthenisantes, em relação com a mui superior frequencia da diathese hypersthenica, constituindo quasi exclusivamente o quadro dos agentes pharmacologicos; outra de hypersthenisantes que se reduzem a um pequeno numero, ainda em correlação com a raridade das doenças hyposthenicas.

Em summa: toda a therapeutica do medico vasoriano reduz-se na grande maioria dos casos a diminuir o estímulo, ao que na immensa maioria das vezes o medico brownista envida todos os seus esforços para augmental-o. Os dous systemas conduzem pois a uma therapeutica oposta.

A critica que fizemos relativamente á incitabilidade de Brown tem inteira applicação ao estímulo e contra-estímulo, concepções abstractas que nenhum facto particular justifica.

Viria talvez a proposito d'estes dous systemas fazer algumas considerações relativamente á importancia que hoje parece de novo assumir o dichotomismo em pathologia e therapeutica; como, porém, isso nos desviaria um pouco do

nosso rumo, reservar-nos-hemos para na nossa prova oral adduzir as considerações que por ventura a argumentação torne opportunas, e, por agora e para fechar este capitulo, limitar-nos-hemos a consignar aqui algumas succintas observações sobre o impulso que Rasori imprimiu á medicina.

Apesar dos erros inherentes ao contra-estimulismo é forçoso confessar, que medicações instituidas segundo os principios d'este systema foram coroadas de excellente resultado em casos pathologicos e toxicologicos, factos de que, como era natural, os seus sectarios tiraram todo o partido possivel para o fazer ganhar terreno. Estes resultados satisfactorios constituem uma parte da verdade á custa de que o contra-estimulismo se sustentou, arrostando com os ataques vigorosos que de muitas partes lhe eram dirigidos.

A escóla de Rasori realisou consideraveis progressos no attinente á experimentação das substancias medicinaes e toxicas; por isso não nos julgamos dispensados de resumir em algumas proposições o quanto devem a esta doutrina a therapeutica, a pharmacologia e toxicologia actuaes.

Quanto ás duas primeiras, esta escóla ensinou-nos practicamente: 1.º que se tornava principalmente credora da nossa attenção a acção geral dos medicamentos, á qual elles devem na grande maioria dos casos os seus effeitos therapeuticos, ao passo que a acção topica, tão exaggerada, era muito menos importante; 2.º que substancias tidas durante muito tempo por extremamente irritantes, ou o eram em pequeno grau ou não o eram absolutamente; 3.º que o organismo adquire, em virtude dos estados morbidos, uma especie de afinidade para os medicamentos, uma sorte d'a-

ptidão para supportar substancias que no estado de saude lhe repugnavam sobre maneira, aptidão em virtude da qual «elle tolera os medicamentos tanto melhor quanto maior fôr a diathese de estimulo ou contra-estimulo»; 4.º finalmente, rehabilitou alguns medicamentos postos de parte pelos timoratos e rejeitados ou calumniados pelos scepticos, evidenciando que a materia medica podia ser um fecundo manancial de poderosos modificadores, quando applicados a proposito e em dóse conveniente.

Não é menor a divida de gratidão da parte da toxicologia. Segundo as doutrinas dominantes d'Orfila os venenos actuavam d'ordinario topicamente sobre as partes, com que eram postas em contacto, irritando-as, e esta irritação excessiva tinha naturalmente de ser combatida mediante a medicação antiphlogistica; esta escóla porém demonstrou d'um modo peremptorio, que a maior parte das substancias toxicas actuavam não só localmente mas, e sobretudo, d'um modo geral e dinamico quasi constantemente, bem como evidenciou que esta acção era hyposthenisante na maioria dos casos, devendo, conseguintemente, ser combatida e debellada por meio d'agentes hypersthenisantes.

BROUSSAIS

Todas as differenças entre este systema e os dos seus predecessores podem conglobar-se em um ponto fundamental, a saber: Brown e Rasori empregaram exclusivamente o methodo synthetico, olharam só para a organização considerada no seu conjuncto, viram só a unidade, ao passo que Broussais serviu-se com particular predilecção do me-

thodo analytico, preocupando-se apenas com as partes constituintes do organismo, importando-se tão sómente com a multiplicidade.

Para fazermos plena e inteira justiça a Broussais é indispensavel que saibamos quaes as tendencias e o pensar dominante dos philosophos na época em que elle começou a figurar no mundo medico, bem como qual o estado da medicina então.

Vivendo em uma época em que a escola de Locke, appellidada *positivista* predominava em philosophia, educado, além d'isso, n'um paiz em que as observações necropsopicas estavam desde ha muito em voga, tendo por predecesor o immortal Bichat com cujas ideias se havia, por assim dizer, identificado, Broussais declara uma guerra de morte ás hypotheses e theorias especulativas, exalta a inducção em detrimento da deducção, a analyse em prejuizo da synthese, porque desconfia da razão e consequentemente dos principios racionaes.

A irritabilidade tal como sahira d'entre as mãos de Haller, tendo sido deturpada por abstracções e hypotheses imaginarias e ontologicas, não tinha ainda sido sujeitada a uma prova séria como base d'um systema medico; ora, dominado pelo proposito firme de realisar este desideratum, e vendo no organismo pura e simplesmente um aggregado de tecidos dotados d'irritabilidade, Broussais perdeu completamente de vista a unidade organica, alcunhando de ontologico tudo o que sobre ella se baseava, sem attentar em que verdadeira ontologia era tambem a sua chimica viva, que fazia subalterna d'uma força vital preexistente.

Encontrando feito o estudo anatomico dos tecidos e suas propriedades, Broussais forcejou por estudar n'elles os caracteres da inflammação, fazendo, por consequinte, appli-

cação á pathologia dos trabalhos de Bichat; e, reduzindo-a a modificações de irritabilidade para mais ou para menos, fez d'ella um ramo da physiologia.

A proposição fundamental da doutrina da incitação é tambem a base da de Broussais.

Apesar de ter fulminado com o anathema da sua pujante e profunda critica as abstracções e ontologias, o illustre reformador de Val-de-Grâce considerou abstractamente a irritabilidade, como o fizera Brown com relação á incitabilidade, de sorte que, salvo o ponto de partida differente das duas doutrinas, a theoria é analogá. Não advertiu Broussais que, ao mesmo tempo que combatia as ontologias em pathologia, as conservava em physiologia e que, acariciando uma d'ellas, apadrinhava em ótro terreno o proprio erro que se esforçava por destruir.

Assim, se os irritantes (estimulantes de Brown) actuaem em grau conveniente sobre a irritabilidade, resulta a saude; se a acção fôr demasiado intensa, teremos um estado que elle denomina *irritação*; se, finalmente, fôr nimiamente fraca, haverá debilidade.

A molestia ou é o resultado d'uma acção excessiva dos irritantes sobre a irritabilidade—irritação—ou d'uma diminuição notavel d'ella — abirritação —; como, porém, Broussais via na ordem physiologica os irritantes, sollicitando constantemente a irritabilidade, entrava em pathologia extremamente prevenido a respeito dos irritantes, cujo excesso d'acção lhe dava conta quasi exclusivamente das differentes doencas. Assim ao passo que Brown temia sobretudo a falta ou insufficiencia d'incitação, o professor de Val-de-Grâce arreceava-se principalmente da irritação; em quanto que o primeiro quasi só via molestias asthenicas, o segundo encontrava no fundo de quasi todas as doen-

ças irritações. Do mesmo modo em therapeutica, tanto um abusava dos estimulantes, quanto o outro os evitava.

Em pathologia Broussais estabeleceu o seguinte axioma: não ha doença sem séde local, sem lesão d'orgão, exprimindo assim por termos differentes a proposição de Bichat: *qu'est-ce que la maladie si l'on n'en connait pas le siège?* Isto é uma consequencia de ter encarado o organismo, como um aggregado de tecidos dotados de propriedades inherentes á sua constituição ou arranjo molecular de cujas manifestações resulta a vida.

As chamadas febres essenciaes, bem como quasi todas as doenças que até alli não se tinha podido localisar, tinham agora por fundo commum *gastrites* e *gastro-enterites*, que, como verdadeiros prothêos, revestiam multiplices fórmulas. Segundo a opinião de Jaccoud, o erro de Broussais não consiste tanto em ter exagerado a frequencia d'estas lesões, como em haver-lhes assignalado uma symptomatologia inexacta, uma importancia e gravidade imaginarias, finalmente e sobretudo, em ter deduzido d'estas premissas erroneas os mais funestos principios therapeuticos.

Em resumo: Broussais reduziu toda a nosologia a duas classes caracterisadas por — irritação — e — abirritação —; fez consistir toda a difficuldade e importancia do diagnostico em determinar a séde da lesão e o grau d'irritação; finalmente, toda a therapeutica em applicar debilitantes na grande maioria dos casos em grau correlativo á energia do mal.

Que nos resta de Broussais? Na opinião de R. Parise, o brusseismo era uma planta malefica que se sustentava á custa do sangue da humanidade; não obstante, é indubitavelmente Broussais a individualidade medica mais origi-

nal e mais potente que produziu o seculo actual e a medicina d'hoje é-lhe altamente devedora. Com effeito legou-nos: 1.º uma tentativa d'applicação da anatomia pathologica ao estudo das molestias; 2.º preceitos sobre a instituição da medicação antiphlogistica que merecem ser tidos em consideração; 3.º chamou a attenção dos medicos para o valor e importancia da inflammação até alli muito mal estudada e transmittiu-nos preciosas observações sobre a marcha e consequencias d'este facto physico-pathologico; 4.º finalmente legou-nos a consideração dos aspectos diferentes das molestias nos diversos tecidos.

A doutrina de Broussais, tambem chamada physiologica, pelo muito que abusou da physiologia, produziu os resultados que dão sempre os systemas com relação ao ponto de vista especial em que se collocam, isto é: chamou a attenção dos medicos para este frondoso ramo da arvore medica e, evidenciando, a despeito dos seus exageros e desmandos, que a physiologia deve ser a base da pathologia, concorreu poderosamente para que progredisse a passos agigantados e assumisse a elevada importancia que hoje ninguem lhe contesta.

ANATOMO-PATHOLOGISMO

Um outro filho do organicismo é o anatomo-pathologismo, presidido por Laennec e de que Louis, Rostan, Chomel, etc., etc., são sectarios.

Nas indagações anatomicas Broussais referia as lesões organicas aos estados physiologicos, considerava-as todas

identicas no fundo e estudava-lhes apenas as causas e os effeitos. A escola anatomica seguia methodo differente: com-penetrada de que a irritação com seus differentes graus não dava razão sufficiente de todos os factos, especialmente das producções organicas morbidas accidentaes, convenceu-se de que era impossivel reduzil-os á unidade; mas ainda aqui o espirito humano não soube manter-se em um justo meio termo, e foi precipitar-se no extremo opposto áquelle que evitava.

Partindo do principio que, supposto a lesão organica não seja o ultimo termo do processo morbido, é o ultimo accessivel aos nossos sentidos, além do qual só é dado conjecturar, os anatomo-pathologistas, munidos de todos os meios que a physica e a chimica podia fornecer-lhes, consumiram toda a sua actividade nas disseccões cadavericas sem se importarem se haveria algum meio de reunir ou conglobar productos morbidos que, sendo aparentemente heterogeneos e disparatados, pareciam á primeira vista proceder de alteraçõs todas de natureza especial. E os anatomo-pathologistas acreditavam-no assim: consideravam todas as lesões especificas, ao passo que Broussais via-as todas identicas no fundo.

Em duas palavras: mediante uma synthese prematura e demasiadamente vasta, Broussais abolira a especificidade, conduzindo assim a um racionalismo ou dogmatismo perigoso em pathologia e therapeutica; ao passo que, a favor d'uma analyse exaggerada e exclusiva, o anatomo-pathologismo reconstitue uma nosologia, conseguintemente uma therapeutica, toda d'especificidades e precipita-se em um grosseiro empirismo, fatalismo até.

Salvas as differenças no modo de dirigir as investigações anatomicas e interpretar a pathogenia dos productos

morbidos, o physiologismo anatomico e o anatomo-pathologismo partem do mesmo principio e assim fica justificado o procedimento de os encorporarmos sob a designação commum de organicismo.

soz esforços para a determinação dos seus respectivos principios fundamentaes, procurando deduzir d'elles tão logicamente quanto nos seja possivel as consequencias pathologicas e therapeuticas.

Tem este modo de proceder a vantagem de nos collocarmos em um ponto de vista assás elevado para senhorear ou dominar os matizes diversos d'uma e outra ideia.

O objecto primitivo das investigações philosophicas era achar o principio das cousas, o fundamento indemonstravel de toda a demonstração, o ponto de confluencia dos factos disséminados, a unidade que comprehendesse toda a diversidade submettida ao entendimento, a ultima synthese emfim que póde constituir-se com elementos analyticos.

Caminhando para este alvo por sendas distinctas, o organicismo e o vitalismo apresentam-se-nos em primeira linha, constituindo a sciencia medica e formando quasi desde o principio da sciencia dois campos rivaes parallelos ás seitas philosophicas, materialistas e espiritalistas, que tem successivamente predominado nas differentes épocas. Desde as escólas antagonistas de Cnido e Cós até ás que tem entre si disputado a primazia em Paris e Montpellier, nem um momento deixou de reinar na sciencia essa pugna tão natural que, por assim dizer, se acha encarnada nos proprios elementos do conhecimento, offerecendo cambiantes e formas extremamente variaveis e dividindo radicalmente as doutrinas, bem como, ainda que em muito menor grau, as suas applicações práticas.

E, coisa estranha! no meio d'esta lucta perpetua ouvimos a um vitalista refutar o organicismo e não podemos deixar de confessar que a sua argumentação é vigorosa e contundente, a sua logica irresistivel.

Vêmos e apalpamos a ruina do seu antagonista, reduzindo-se a pó os castellos levantados sobre o terreno do empirismo especulativo; mas por seu turno o vitalismo não se defende com mais galhardia dos ataques do seu rival. Ambos se retiram mal feridos do combate, jámais porém se harmonisam nem um d'elles chega a aniquilar o seu contrario. Ambos são gigantes na aggressão, debeis todavia e rachiticos na defeza.

Qualquer que seja a causa d'isto a verdade é que, compulsando-se com animo desapaixonado os documentos d'esta celebre demanda, não resta duvida alguma de que assiste a cada uma das partes algum direito para negar ao seu adversario a posse de toda a verdade; mas ao mesmo tempo reconhece-se a improcedencia das provas adduzidas por cada um dos litigantes para fundamentar as suas respectivas pre-tensões exclusivas.

Organicismo e vitalismo são hoje os dois pólos entre os quaes se debate e fluctua o pensamento médico. Qual d'elles é o verdadeiro? O organicismo e o vitalismo têm sido ahi mil vezes refutados, quasi pulverisados e todavia brotam de novo e com invencivel pertinacia. E' que ambos consagram algumas verdades com quanto desprezem outras.

Para fazermos bem sentir os defeitos d'estes systemas passemos rapidamente em revista as consequencias que resultam em pathologia e therapeutica da adopção exclusiva d'um ou d'outro.

O organicismo, apregoando a analyse, como unico meio de chegar á verdade, perde de vista o dogma tradicional da unidade que preside a todos os actos do organicismo, occultando-se por traz da multiplicidade e mobilidade d'esses

phenomenos no estado de saude e de doença. Custa a crêr que houvesse quem julgasse comprometido este dogma pelas recentes acquisições da histologia, mas é verdade.

Alguns espiritos entusiastas, reduzindo toda a energia formadôra á cellula, levaram a sua ingenuidade até ao ponto de acreditar que a vida ia funcionar-se indefinidamente, que a pathologia já só tinha a contar com os infinitamente pequenos e que a noção d'individuo, considerado como um tódo harmonico e uno, pedra angular de toda a biologia, ia desaparecer; o bom senso porém protesta energicamente contra taes excessos. E com effeito o homem que, fundado na noção instinctiva d'esta unidade, affirma a sua existencia como *ser pensante*, não terá egual direito a ser acreditado, quando assevera a sua realidade individual como ser doente?

Se procedendo só analyticamente nos limitarmos a estudar os elementos anatomicos, os tecidos, os órgãos e seus respectivos actos, não conseguiremos explicar o mais simples phenomeno da organização. A cicatrização, por exemplo, factó apparentemente tão simples não se effectua sem o concurso d'outros actos do organismo, cujos elementos são profundamente solidarios.

Como poderá o organicista, não considerando unitaria a organização, explicar cabalmente os phenomenos d'uma doença? Como comprehende que em virtude d'uma lesão organica pura e simplesmente local appareçam modificações funcionaes notaveis em todo o organismo? Para o organicista não ha perturbações geraes do systema vivo, não ha mesmo, como pretendia Piorry, só órgãos doentes ou estados organo-pathicos, ha apenas elementos anatomicos doentes.

Ora, na realidade, negar que haja um laço que une as diversas funcções morbidas como as hygidas, pulverisar e

mutilar as doenças a ponto de as circumscrever á cellula é tornar impossivel a nosologia e a therapeutica, é avançar coisas incomprehensíveis.

Se, coherentes com a doutrina pathologica organicista, quizessemos fazer applicação d'ella á therapeutica, limitar-nos-hiamos em todos os casos a fazer applicações topicas, pois só contavamos com a vida independente de cada uma das partes, e cahiamos no absurdo de desprezar a unidade organica.

O vitalismo cahé exactamente no extremo opposto. Exalta a synthese em detrimento da analyse, sua irmã gêmea, antepõe a unidade á multiplicidade, o geral ao particular, vive mais d'especulações do que de factos, e por mais que aparente seguir o methodo inductivo, não consegue dissimular a sua predilecção pelo deductivo. Não é sollicito em accumular materiaes que sirvam d'alimento á sciencia, mas desde o momento em que os possua derrama sobre elles toda a luz que póde projectar o facho da razão. Os estudos syntheticos sabe-os fazer muito melhor do que o organicismo que, a bem dizer, não tem uma pathologia geral; mas em compensação os trabalhos vitalistas de pathologia especial escasseiam quasi tanto como os de principios geraes na doutrina organica, o que se concebe attentas as tendencias d'estes systemas.

O vitalismo, collocando na ordem d'importancia primeiro que tudo a vida geral, conserva e venéra o precioso dogma da unidade vital, unidade que no meio do conflicto dos systemas e das discussões sobre a vida, a saúde e a doença, ideias capitaes que o medico de balde se esforça por conglobar em uma synthese suprema, se impõe ao espirito como uma verdade de primeira intuição; no seu entusiasmo porém ultrapassa a méta, deixando completamente na obscu-

ridade a vida peculiar a cada um dos elementos anatomicos.

Como legitima consequencia pathologica do vitalismo, temos que o medico pouco ou nada deve preoccupar-se com o estado local das partes, porquanto a sua actividade é inteira e absolutamente subordinada á do todo, e é, por consequente, só dirigindo-se a esta que elle conseguirá promover o restabelecimento d'aquellas.

A consequencia logica therapeutica a deduzir da mesma doutrina é que o medico vitalista tem de instituir sempre um tratamento geral para ser coherente com os seus principios.

Taes são as consequencias extremas da adopção exclusiva d'uma ou outra doutrina.

Mas, por que estes systemas não são absolutamente verdadeiros seguir-se-ha que sejam inteiramente falsos? Não poderão ser ambos verdadeiros e falsos relativamente ao ponto de vista, sob o qual os consideremos?

Expozemos já o character do erro em geral, que tem quasi sempre um fundamento, traduz alguma verdade, vindo todo o seu defeito a consistir na exclusão, na negação d'outras verdades que tem o mesmo direito a ser comprehendidas no pensamento commum, e o que então dissemos tem agora inteira applicação. Os erros do organicismo e do vitalismo são relativos, e é justamente o estudo d'essas relações que nos interessa para podermos apoderar-nos das verdades consignadas por cada um d'elles.

Os factos particulares, que laboriosamente recolhidos pelo organicismo tem chegado a constituir essa massa imponente consignada nos annaes da sciencia, nunca serão perdidos para a verdadeira medicina. Se têm sido fielmente

observados e transcriptos, elles fallarão em todas as epochas a expressiva linguagem que só necessita d'ouvidos para se fazer escutar, e d'uma intelligencia para ser intelligivel, a despeito de não terem recebido do systema uma interpretação tam exacta como era para desejar. Rico thesouro de material virgem, depositado aos umbraes da sciencia, espera apenas pelo ingenho d'artifices que logrem imprimir-lhe formas diversas. Os factos vitaes, physiologicos, pathologicos e therapeuticos, posto que incompletos, porque as preoccupações systematicas vendaram parcialmente os olhos do observador, nem por isso deixarão de ser utilissimos para a sciencia que saiba completal-os, elevando-os á sua esphera propria, constituindo a synthese a que pertencem, como se constroe idealmente um animal sobre uma parte dada do seu esqueleto.

Mas não são unicamente os factos particulares, que podemos haurir no organicismo. Não; seria uma grande injustiça reduzir os partidarios d'esta doutrina á condição mesquinha de representar unicamente o papel mecanico de carrear e accumular factos, reservando ambiciosamente para outros o de directores e architectos. Os factos geraes ou leis do organicismo, obtidos por uma indução legitima, merecem ser tidos em conta e devem ser aproveitados depois de desprovidos do que tenham de limitado e exclusivo, dando-se-lhes uma interpretação mais genuina e consoante ao verdadeiro espirito da medicina.

Dentro do circulo intellectual traçado pela sua epocha o vitalismo soube escolher os elementos mais importantes da synthese que constitue a vida. Esforçou-se sempre por conservar indeleveis as noções de actividade, espontaneidade, solidariedade e intimo enlace das partes de organismo vivo, nunca perdendo de vista a unidade que se eleva no meio

da infinita multiplicidade das suas relações, fazendo de todas as partes um só individuo e de todos os seus momentos de duração uma só vida.

A' medida que o organicismo se afanava por augmentar a base da sciencia, forcejava o vitalismo por dar-lhe altura; mas preocupado com o ponto de vista especial dos seus estudos antepunha em tudo a synthese á analyse, a unidade á multiplicidade, o geral ao particular, a razão á experiencia.

TERCEIRA PARTE

Do que fica dito resulta evidentemente que nenhuma d'estas doutrinas póde dirigir-nos os passos vacillantes no terreno movediço d'uma pratica incipiente. O exclusivismo a ambas perdeu.

Abstenhamos-nos pois de ser exclusivistas, colhamos e aproveitemos de cada uma o que fôr mais confôrme á razão e á experiencia, nunca desprezando os dictames do bom senso, limitemos-nos emfim, já que nos é vedado ir além, a fazer a analyse e synthese indefinidas dos nossos conhecimentos. Analyse e synthese, organicismo e vitalismo são duas metades d'um todo; tentemos pois a sua fusão, esperando, não obter a verdade inteira, absoluta, porque essa está fóra do alcance da nossa alçada intellectual, existe em nosso entendimento apênas como aspiração, mas sim encontrar o methodo, o processo, o caminho que a ella conduz.

Saibamos conservar á medicina o seu character experi-

mental, sem prescindir um só momento da consideração das condições em que ella existe como sciencia em geral; appliquemos ao seu estudo as leis emanadas d'uma sã philosophia, não excluindo nenhum dos objectos comprehendidos na sua esphera que deve ser a da natureza real; confessêmos que é incompativel com a nossa contingencia intellectual o conhecimento da essencia, da natureza, da totalidade, emfim, das substancias e exploremos com egual sollicitude todos os ramos do saber humano. Quando mesmo se tratasse ali apênas da *pelle humana*, como diz Baillon, seria sufficiente estímulo e incentivo para que dessemos toda a latitude aos nossos estudos e indagações.

Os elementos histologicos, contém até certo ponto em si mesmos a sua razão de ser, as suas leis proprias de nascimento, desenvolvimento e morte, a sua autonomia, n'uma palavra; por outro lado porém a sua actividade acha-se subordinada ás condições do todo organizado de que fazem parte. Os elementos anatomicos funcionam de certo modo, desempenham papeis diversos, mas só emquanto fazem parte d'uma porção de materia organizada unitaria, conglobada, limitada no tempo e no espaço, que se denomina systema vivo. E se nos perguntarem como se realisa este mysterioso phenomeno da multiplicidade na unidade, responderemos que é inexplicavel como muitos outros; no entretanto o estudo das leis do desenvolvimento depara-nos alguma coisa analoga: o que é, por exemplo, o ovulo senão uma cellula, prototypo da unidade anatomica, contendo virtualmente todo o ser futuro com toda a multiplicidade e variedade dos seus elementos constituintes?

Ha pois no organismo, além da vida geral, exclusivamente consagrada pelos vitalistas, a vida particular a cada elemento anatomico, unicamente admittida pelos organicis-

tas consequentes, e não poderemos de maneira alguma prescindir da fusão d'estes dous pontos de vista para explicar os phenomenos vitaes e racionalisar a therapeutica.

Analyse e synthese são dous elementos indispensaveis, necessarios, dos nossos conhecimentos; tão primitiva é uma como a outra, porque são coevas, contemporaneas em nosso entendimento: nunca de certo chegaríamos adquirir um conhecimento satisfactorio do nosso organismo se nos limitassemos a considerar separadamente as suas partes, abstrahindo das suas relações e nexos; assim como pouco ou nada lucrariamos se nos circumscrevessemos a estudal-o só no seu conjuncto.

Supponhamos que o mecanismo d'um relogio nos é completamente desconhecido; façamos d'elle um estudo exclusivamente synthetico, e digamos francamente que ideia ficamos fazendo da sua composição e funcionamento. Separemos agora as suas diversas partes constituintes e façamos um estudo sério de cada uma; no fim da nossa tarefa tere-mos, é verdade, obtido bastantes noções scientificas, mas do objecto em globo pouco ou nada podemos saber em quanto não reunirmos ordenadamente os elementos isolados, em quanto, finalmente, não completarmos a analyse pela synthese e vice-versa.

Seja-nos permittido adduzir ainda um outro exemplo, mais circumscripto porém ao nosso ponto de vista especial. Apresentemos uma doença e vejamos como a tratariam o organicista e o vitalista no caso de serem coherentes com os seus principios: seja, por exemplo, uma pneumonia ou melhor uma febre typhoide.

O organicista attendendo só a vida local de cada elemento anatomico, só a lesão local, achando ahi um processo inflammatorio, indicio de excesso de vitalidade, admi-

nistrará debilitantes, antiphlogisticos e as consequencias para o doente são obvias.

O vitalista, tendo só em vista o estado geral, limitar-se-ia a empregar tonicos e estimulantes, arriscando-se assim a exagerar a inflammação intestinal com todas as suas consequencias. Ainda assim n'este caso particular seria incontestavelmente menos mau o vitalismo.

A doutrina proveniente da fusão d'estas attende a estes dous elementos simultaneamente, ao estado local e ao geral, ao doente e á doença.

E não será isto o que fazem na prática vitalistas e organicistas conscienciosos, por mais apêgo e aferramento que tenham por uma doutrina exclusiva? Uns e outros fazem na prática o que o empirismo, a experiencia, a razão, o bom senso ou o que quer que seja mostram ser util. Por que não ha de pois consagrar a theoria os principios cujas consequencias se applicam na clinica? Não será tempo de acabar com essa formidavel barreira que o exclusivismo de tantos seculos tem levantado entre a sciencia e a arte?

Se qualquer d'estas doutrinas nos conduzem a erros práticos deploraveis, se nem organicistas nem vitalistas arrostam nas applicações clinicas com todos as consequencias que legitimamente se deduzem dos seus respectivos principios, como é que existe ainda a seisão em organicismo e vitalismo?

Na primeira parte do nosso trabalho assistimos, por assim dizer, á evolução organica da medicina no seio da philosophia, e consideramos cada systema como o reflexo d'uma feição philosophica dominante em certa época. Ainda n'esta, mas especialmente na segunda parte, intenta-

mos descobrir as raizes philosophicas do organicismo e vitalismo, analysar a sua seiva e descreminar os elementos uteis, assimilaveis, dos prejudiciaes ou inuteis. — Na terceira finalmente, assim munidos dos despojos que nos ministrou a critica precedente, forcejamos por construir a bussola que deve dirigir o espirito medico em todos os seus procedimentos scientificos.

Para tornar bem visiveis as imperfeições, as lacunas, os defeitos d'um e outro systema foi-nos indispensavel levar ao corpo de cada um o escarpelo da nossa pobre critica, porque não podiamos aspirar á cura não tendo préviamente diagnosticado o mal. Não os julgamos porém tam rachiticos e miseraveis, que não vivessem a expensas da verdade, fonte de toda a vida scientifica, assim como não conhecemos enfermidade propriamente dita que não leve em si o principio da saúde.

Percorrendo a historia vêmos, que quasi todos os que tem pretendido fundar uma doutrina hão principiado por demolir os systemas anteriores, deixando o terreno livre e expedito para levantar o novo edificio. Este procedimento porém é violento e injusto tratando-se da reforma da ideia: não se restaura um individuo começando por mata-lo, nem se melhora a philosophia d'uma sciencia, rompendo com a tradição e com a historia e abraçando a chimera de crear um mundo intellectual sem precedentes no passado.

O proprio vocabulo reforma é desprovido de significação, quando não tem por base uma fôrma anterior que nunca deixa de ter alguma coisa aproveitavel.

Julgamos ter deixado fôra de toda a duvida que é este o methodo mais adaptado á natureza da medicina, o unico até applicavel a esta sciencia e, se fosse necessario, pode-

riamos haurir mais um argumento justificativo d'este modo de vêr na propria collocação d'esta sciencia no quadro dos conhecimentos humanos.

Querer applicar á medicina o methodo usado nas sciencias exactas, equivale a negar a existencia scientifica da biologia.

PROPOSIÇÕES

Anatomia—A conjunctiva ocular é simultaneamente serosa e mucosa.

Physiologia—Não ha antagonismo entre a vida vegetal e animal.

Pharmacologia — A palavra *alterantes* applicada a uma classe de medicamentos não tem sentido scientifico.

Pathologia geral — O *similia similibus*, considerado como um protesto contra o despotismo do *contraria contrariis*, justifica-se.

Medicina operatoria—O cirurgião póde mediante a escolha dos meios operatorios e de curativo, senão prevenir, pelo menos minorar a febre traumatica.

Pathologia interna—O processo pathogenico das phthisicas tuberculosa e caseosa é identico.

Anatomia pathologica — O cancro póde ser uma manifestação pura e simplesmente local ou symptomatica d'um estado morbido diathesico.

Obstetricia—Os sons cardiacos do feto não são o unico signal infallivel da gravidez.

Hygiene—Uma salina bem construida, bem reparada e bem explorada não é prejudicial á salubridade publica.

Approvada
Illydio Ayres.

Póde imprimir-se.
O CONSELHEIRO DIRECTOR
Costa Leite.

ERRATAS

PAG.	LINHAS	ONDE SE LÊ	LÊA-SE
17	11	palavra	verdade
19	5	inciosa	viciosa
22	1	incorar	encerrar
22	14	interrompida	ininterrompida
58	19	vasoriano	rasoriano
58	21	ao que	ao passo que
64	9	physico-pathologico	physio-pathologico
69	30	organicismo	organismo
70	6	funcionar-se	fraccionar-se
76	13	os elementos histologicos,	os elementos histologicos